

PROSA GÓTICA E FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Maria Roselí da Silva de Farias¹
Marcelo Medeiros da Silva²

RESUMO

Este relato de experiência integra um conjunto de atividades vinculadas ao subprojeto de Letras/Língua Portuguesa do Programa de Residência Pedagógica do Centro de Ciências Humanas e Exatas da UEPB. No presente relato, deter-nos-emos em relatar e refletir acerca de uma experiência de leitura literária realizada no Ensino Médio. Desse modo, procuramos desenvolver nossas ações, por meio de práticas lúdicas de leitura, escuta e produção textual voltadas para uma temática de interesse dos alunos, pois acreditamos que o ambiente noturno e fantasmagórico da prosa gótica é capaz de motivar a formação de sujeitos leitores. Como aporte teórico para a intervenção, bem como para as reflexões apresentadas, guiamo-nos pelas orientações propostas por Cosson (2006) a fim de pensarmos em práticas lúdicas de leitura e escrita que, sem deixarem o compromisso pelo saber, propiciem, sobretudo, prazer ao aprender. Dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio dessa experiência, está o fato de que ajudamos a ampliar o horizonte de leitura de alunos que, segundo eles mesmos, eram avessos a ler. Além disso, por meio das produções textuais sugeridas, conseguimos despertar a criatividade e, principalmente, o gosto pela escrita. Por fim, reiteramos, enquanto ex-pibidiana e atual professora-preceptora, que a Residência Pedagógica colaborou de forma significativa para que houvesse uma mudança nas nossas práticas em sala de aula, uma vez que o contato com os residentes aguçou novamente o gosto por planejar e executar práticas pedagógicas a partir de metodologias que contribuam mais significativamente para o processo de aprendizagem dos discentes.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, Leitura Literária, Prosa Gótica, Residência Pedagógica, Recursos Lúdicos.

INTRODUÇÃO

Este relato de memória é decorrente das nossas ações como professores preceptores do Programa de Residência Pedagógica, que estão sendo realizadas em umas das escolas da rede pública de ensino de Monteiro na Paraíba. Nossas ações na escola objetivam desenvolver as habilidades leitoras e escritoras dos alunos. Desse modo, uma vez por semana, reunimo-nos com os alunos a fim de proporcionar-lhes situações de aprendizagem de leitura e escrita a partir de atividades dinâmicas, interativas e, sobretudo, lúdicas. No presente relato, deter-nos-emos em relatar e refletir acerca das ações desenvolvidas na escola a partir da leitura e produção textual do gênero gótico.



¹ Professora preceptora do subprojeto do curso de Letras do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: roselifarias94@gmail.com

² Professor Orientador: Doutor em Letras e docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

A escolha por essa temática se deu em virtude das seguintes razões: primeiro, por ser um estilo peculiar, ou seja, permeado por mistério e fantasia, poderia envolver os alunos com uma maior facilidade e, assim, contribuir para enriquecer o repertório de leitura, instigar a imaginação e aguçar a criatividade deles. Segundo, o ensino de língua materna aliado à leitura de obras fantásticas é capaz não apenas de aprofundar o conhecimento literário, mas também promover habilidades de leitura e escrita, emocionais e sociais, destacando-se como uma ferramenta dinâmica e eficaz no processo educativo.

Com o presente relato, ensinamos contribuir para a ressignificação das práticas de leitura e de escrita no ambiente escolar de forma que as atividades voltadas para o desenvolvimento de tais habilidades por parte dos alunos sejam realizadas de maneira aprazível. Sobretudo, almejamos criar um ambiente propício para a expressão criativa dos estudantes, incentivando a produção de textos e reflexões próprias inspiradas pela estética e temática góticas.

Desse modo, discutiremos, em linhas gerais, a relação literatura e ensino, apontando suas contribuições para o processo de aprendizagem dos alunos, considerando, portanto, a sua importância para a formação de leitores e de sujeitos sensíveis ao mundo, uma vez que a leitura literária possibilita o desenvolvimento de tais habilidades, valorizando o direito do aluno à fantasia, imaginação e emoção. Logo, como referencial teórico para as reflexões apresentadas, guiamo-nos pelo pressuposto formulado por Candido (1995), de que a educação literária é imprescindível para a formação humana de nossos alunos e, como tal, não lhes deve ser negada pela escola.

METODOLOGIA

Considerando que a sala de aula pode se tornar um espaço propício para a prática de leitura prazerosa, elaboramos um conjunto de atividades com o texto literário. O nosso propósito não é, simplesmente, expor as nossas ações metodológicas e os resultados alcançados, mas, sobretudo, um conjunto de recursos pedagógicos que poderão contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Essa ação ocorreu no segundo semestre de 2023 na ECIT José Leite de Souza situada no município de Monteiro, a qual integra a rede estadual de ensino da Paraíba.

Inicialmente, acreditamos que apostar em atividades motivacionais antes de iniciar a leitura dos textos é um recurso que consegue envolver os alunos de forma significativa e prepará-los para a etapa seguinte. Logo, o lúdico poderá contribuir para estabelecer o laço entre texto/leitor. Conforme Cosson (2006, p 54), a motivação “consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.” Pensando nisso, é que no nosso primeiro encontro, antes de iniciarmos a leitura do conto Casa de fazenda, desenvolvemos a dinâmica das lendas.

Para tornarmos esse momento inicial de leitura motivador e contagiante, pensamos em realizar uma dinâmica que apresentasse os elementos do conto a ser lido. A princípio, o texto dialoga com a lenda do lobisomem. Por isso, selecionamos algumas lendas, tais como: Cuca, Saci Pererê, Comadre Fulozinha, mula sem cabeça, palhaço assassino, boneco do mal, Curupira, Iara, Papa figo e elaboramos a dinâmica. Inicialmente, a turma foi dividida em quatro grupos. Avisamos que um grupo precisaria disputar contra o outro e que, ao final da primeira fase, somente os dois grupos com o melhor resultado passariam para a próxima. No primeiro momento, um representante de cada grupo devia posicionar-se em frente ao quadro. Nessa etapa, o professor grudava um papel na testa do representante do grupo e os integrantes do grupo adversário deviam dar três dicas para que o participante conseguisse acertar a lenda selecionada. No segundo momento, os dois grupos finalistas deviam escolher um representante, mas, dessa vez, o próprio professor dava as três dicas que continham a seguinte ordem: 1ª dica - nível difícil, 2ª – moderado e 3ª – fácil. Por exemplo, a ficha da lenda do lobisomem continha as seguintes dicas: homem – lua cheia – lobo. O grupo que conseguisse acertar após a 1ª dica ganharia uma pontuação maior e se, por acaso, conseguisse acertar somente após as três dicas, ganharia uma pontuação menor. Ao final, o grupo vencedor era aquele com a maior pontuação.

A aplicação dessa atividade motivacional foi realizada com sucesso, pois todos os alunos demonstraram grande interesse por ela. Além disso, conseguimos atingir o nosso objetivo ao prepará-los para o que viria em seguida. Conforme Haydt (2006, p. 177), “o professor deve usar sua inventividade para criar seus próprios jogos, de acordo com os objetivos de ensino-aprendizagem que tenha em vista e de forma a adequá-los ao conteúdo a ser estudado.” Dessa maneira, sem deixar de motivá-los, foi possível também fazer com que



1 Professora preceptora do subprojeto do curso de Letras do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: roselifarias94@gmail.com

2 Professor Orientador: Doutor em Letras e docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

os alunos relembressem das lendas lidas durante a infância, o que exigiu deles a ativação de conhecimentos prévios.

No segundo encontro, antes de realizarmos a leitura do conto “Casa de fazenda”, de Márcio Benjamin, exploramos o título e pedimos que os alunos expusessem suas expectativas acerca do texto. No momento da leitura, fizemos algumas pausas para que eles criassem expectativas sobre o enredo da história. Ao final, pedimos que eles elaborassem um desfecho para o conto. Nesse momento, houve alunos que escreveram apenas cinco linhas confirmando a morte do velho, mas, sobretudo, houve aqueles que realmente foram além e se deixaram ser guiados pela criatividade. Em alguns desfechos, o Velho conseguiu vencer após travar uma batalha com o lobisomem. Em outros, o Velho teve a ajuda de terceiros. Além disso, houve um aluno que afirmou que o lobisomem era o filho desaparecido do Velho. Enfim, surgiram diversas histórias diferentes.

No terceiro encontro, foi a vez de apresentarmos aos alunos o conto de terror “O quadro do Palhaço”, de Fernando Ferric, mas antes, exibimos o treiller do filme “It - A Coisa”, bem como o vídeo de pegadinhas em que as vítimas eram perseguidas por palhaços assassinos para que os alunos entrassem previamente no universo de terror. Como o texto lido era conciso, optamos por realizar a leitura de um segundo conto para que os alunos pudessem fazer a comparação entre os dois. O conto selecionado foi “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe. Seguimos a mesma metodologia na leitura de ambos, exploramos o título e fizemos algumas pausas para que os discentes compartilhassem suas expectativas. Em seguida, sugerimos uma atividade para que fizessem uma comparação entre os textos, apontando as semelhanças e diferenças.

No quarto encontro, sugerimos um concurso de desenhos. Para tanto, os alunos deviam fazer a ilustração de um dos contos lidos no encontro anterior, mas, antes, exibimos a animação do conto “O Retrato Oval”.

No quinto encontro, preparamos outra atividade de motivação. Dessa vez, trouxemos um quebra-cabeça para sala de aula, no qual continha o título do próximo conto a ser lido. O 1º grupo a montar todas as peças do quebra-cabeça era o ganhador do brinde oferecido.

Prosseguimos, então, com a leitura do conto “O mistério do homem de preto”, do autor Luiz Lanzieri. O enredo da história é permeado por mistério e terror, pois várias vítimas desaparecem após a chegada de um homem estranho na cidade, inclusive, uma das vítimas, antes de desaparecer, descobre que o criminoso é um adepto da antropofagia, tenta avisar aos

policiais locais, mas não obtém êxito. Desse modo, ao final da leitura, solicitamos aos alunos que se colocassem no lugar das autoridades locais e fizessem um cartaz de procurado, mas, antes de iniciarem as produções, expusemos alguns modelos de cartaz e avisamos que estariam livres para inventar um nome para o criminoso, mencionar outros crimes cometidos por ele, bem como as características físicas. A seguir exibiremos alguns dos cartazes produzidos pelos estudantes.

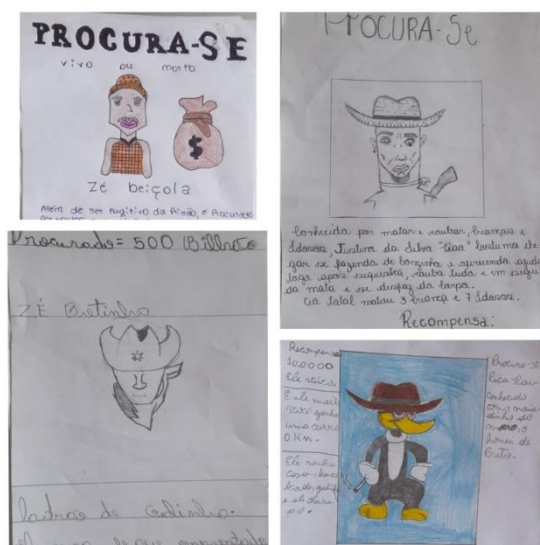


Figura 1: Cartazes de procurado produzidos pelos estudantes

Continuando no universo de terror, mas com uma pintada do universo fantástico, no sexto encontro, assistimos ao filme *Hotel Transilvânia*. Por fim, sugerimos a seguinte atividade aos alunos: *Use sua imaginação e criatividade para inventar um novo monstro que poderia se hospedar no Hotel Transilvânia. Escreva uma breve história sobre ele, apresentando seu nome e personalidade.*

No penúltimo encontro, optamos por levar uma das obras do Romantismo brasileiro. Foi a vez de ler Gennaro, um dos contos que compõem a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo. Iniciamos com uma atividade de motivação que consistiu em um jogo da forca. As palavras utilizadas na atividade lúdica contemplavam elementos constitutivos do conto, tais como: Gennaro, Godofredo, Nausa, Laura, traição, gravidez, morte, vingança, veneno. Pretendíamos aguçar a curiosidade dos alunos a partir dessas palavras selecionadas, no entanto, durante a leitura, os estudantes estavam bem dispersos, poucos responderam as perguntas feitas a eles. Enfim, não houve uma boa recepção. Partimos do pressuposto de que



1 Professora preceptora do subprojeto do curso de Letras do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: roselifarias94@gmail.com

2 Professor Orientador: Doutor em Letras e docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

isso ocorreu, devido à extensão do texto escolhido, pois o acharam cansativo. Infelizmente, essa é a realidade que enfrentamos nas salas de aula, pois se o texto ultrapassa uma lauda, eles logo se assustam.

Por fim, no último encontro, já que, ao longo das aulas anteriores, os alunos haviam ampliado seu repertório de leitura e se apropriado dos elementos constitutivos do gênero conto, sugerimos a produção de contos fantásticos juntamente com as devidas ilustrações. Diferentemente da aula anterior, dessa vez, não houve tanta resistência. Os estudantes não demonstraram aversão pela atividade sugerida, mas não queriam que a atividade fosse individual. A partir do ocorrido, chegamos ao consenso de que poderia ser realizada em grupo. Apesar disso, acreditamos que conseguimos atingir o nosso objetivo, pois, quando o assunto é produção textual, a resistência por parte dos alunos é enorme, especialmente, quando solicitamos a produção de redação no modelo que o Enem exige, a participação é mínima. A seguir, exibiremos as ilustrações dos contos produzidos.

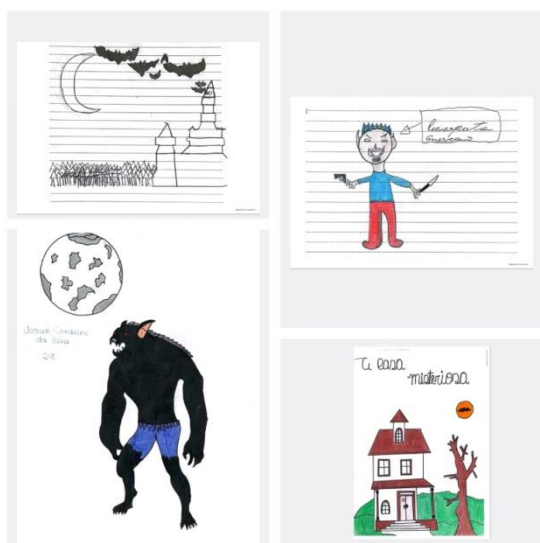


Figura 2: ilustração dos contos produzidos pelos alunos

Ao final do ano letivo, apresentamos para a comunidade escolar tudo o que havíamos produzido no decorrer dos nossos encontros semanais. Para tanto, adaptamos o conto “Casa de fazenda” em um texto teatral para que os alunos pudessem apresentar no dia da culminância. Além disso, houve a exposição dos materiais produzidos.



Figura 1: Culminância do clube de leitura

Ao analisarmos os resultados obtidos após essa intervenção, chegamos à conclusão de que não basta apenas preparar atividades motivacionais, mas também, saber incentivar os alunos após a leitura. Em outras palavras, devemos “deixar o aluno ler o texto, sem exigir dele uma cobrança. Quando o aluno lê uma história pelo prazer de ler, saboreando seu conteúdo, ele terá maior capacidade de assimilação.” (OLIVEIRA, 2012, p. 15). A cobrança de elementos exteriores ao texto, tais como: nome do autor, protagonistas principais, nome da editora, não se aplica a uma perspectiva de formação de leitores. Pelo contrário, faz com que se tornem indiferentes à leitura. Logo, cabe ao professor planejar e executar práticas que facilitem a avaliação de um texto de modo que mantenha o saber atrelado ao prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, essa experiência se mostrou bastante desafiadora para nós, pois exigiu bastante tempo para ser planejada. Seguimos a metodologia que nos foi apresentada durante nossa passagem pelo PIBID, mas que havia sido esquecida durante o cotidiano no chão da escola, pois devido à falta de recursos e às várias demandas que nos são cobradas diariamente, utilizar o livro didático tornou-se uma opção mais prática. Entretanto, isso não significa que seja um recurso pedagógico atrativo aos alunos e que cumpra todas as necessidades deles.

Por isso, nossa participação no Programa de Residência Pedagógica, enquanto professores preceptores, acompanhando as intervenções realizadas pelos residentes, nos fez



1 Professora preceptora do subprojeto do curso de Letras do campus VI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: roselifarias94@gmail.com

2 Professor Orientador: Doutor em Letras e docente da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

perceber o quanto os alunos se sentiam motivados a participar das atividades propostas. A partir disso, sentimo-nos instigados a ressignificar nossa prática docente, a sugerir e criar alternativas para lidar com as dificuldades encontradas no ambiente escolar.

Logo, podemos concluir que práticas lúdicas de leitura e de escrita, quando bem preparadas e com objetivos previamente definidos, em muito contribuem para aprendizagem dos alunos, uma vez que conseguem fisgar a curiosidade e empenho deles, incentivando a formação de leitores, estimulando-os no processo de produção textual e, sobretudo, facilitando a aquisição de novas habilidades.

Por fim, mas não menos importante, dentre os resultados que conseguimos alcançar por meio dessa experiência, está o fato de que ajudamos a ampliar o horizonte de leitura de alunos, que na maioria das vezes, demonstram ser avessos ao ato de ler. E, o mais importante, mostramos que é possível unir saber e sabor nas atividades realizadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. Procedimentos de ensino-aprendizagem socializantes. In: *Curso de didática Geral*. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Dinâmicas em Literatura Infantil*. São Paulo: Paulinas, 2012.